

COMO É BOM TER AMIGOS!

No passado dia 22 de Outubro, por pura coincidência, data da Memória Litúrgica do Beato João Paulo II ¹, o Presidente do Conselho Superior de Portugal e a sua equipa directiva houveram por bem, num acto de sincera amizade, testemunhar-me o seu apreço pelos meus 46 anos de vida vicentina activa. Foram convidados os vicentinos portugueses a participarem no “Encontro” que teve lugar na Paróquia de Santa Beatriz da Silva, em Lisboa.

Tudo foi programado com o maior sigilo, pois só já muito perto do evento, dele tive conhecimento.

Com a presença de amigos vicentinos representando quase todo o país, foram ainda muitas as mensagens maravilhosas que recebi de muitos outros que, em espírito, deram sinal de que estavam em sintonia com os que vieram.

“A amizade não se compra, mas sim cultiva-se. Vale a pena viver quando se é amado, principalmente quando se tem bons amigos”.

Frederico Ozanam disse que “gostaria de abraçar o mundo numa grande rede de amor”.

Pois eu tive plena consciência de que no passado dia 22 de Outubro me senti abraçado por uma grande rede de amor.

“Quando damos, estendemos a mão, mas quando oferecemos... é o nosso coração que entregamos junto, é um pedacinho de nós que vai caminhando em direcção do outro e o bem que ele provoca retorna ao nosso interior.

Tornamos pessoas felizes quando damos de nós mesmos. E damos de nós quando oferecemos, o que quer que seja, de coração escancarado”.

“O amor é fogo que arde sem se ver...” dizia o poeta; pois eu direi que vi o fogo do amor que me envolveu e que muito me aqueceu o coração.

¹. 22 de Outubro de 1978 – início do pontificado.

Pelos muitos testemunhos que ouvi brotarem em catadupa e da sinceridade como foram manifestados e ainda pelas belas mensagens escritas que recebi igualmente de várias partes do país, por tudo vos dedico este texto no qual expresso a minha gratidão e o meu amor por todos vós.

Tive a oportunidade de reviver, em algumas horas que estivemos juntos, em presença ou em espírito, toda a minha caminhada vicentina, neste quase meio século de vida.

Não me propus para ser vicentino, fui escolhido pelo, então, Prior da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, de Benfica, para fazer parte da Conferência de São Martinho!


Nunca tive a pretensão ou ambição dos cargos, aliás, fui sempre convidado a exercê-los, quer por eleição ou nomeação. Nunca disse não, quando fui chamado ao exercício das funções que me eram confiadas.

Vivi intensamente os momentos bons da nossa Sociedade de S. Vicente de Paulo, assim como nunca lhe virei as costas quando surgiram os menos bons. Para mim tudo foi e é serviço, no qual temos de colocar o melhor de nós mesmos.

Todos vós me fizeram lembrar muitos factos que ocorreram na normalidade da minha vida e aos quais estive intensamente ligado.

Na realidade, é bom relembrar o passado quando ele deixou marcas positivas que, como foi testemunhado, influenciaram a vida de algumas pessoas. Todos nós, vicentinos, somos homens e mulheres dos mais diversos quadrantes que se aceitam cristã e vicentinamente uns aos outros tal como são, com as suas capacidades, virtudes e defeitos e em que o mais velho mistura a sua experiência e ponderação com o dinamismo e o entusiasmo do mais novo, reforçando os laços de amizade pessoal e de interesse mútuo, que se unem sobre o denominador comum de quererem uma SSVP renovada e consciente das suas responsabilidades, muito especialmente no momento difícil que atravessamos.

Por tudo o que fiz de positivo dou graças a Deus que sempre me tem guiado nos caminhos da vida.

Para todos vós, QUERIDOS AMIGOS, que de várias maneiras me testemunharam o valor da Amizade, um grande BEM HAJAM e um IMENSO OBRIGADO. 

DESAFIO URGENTE E APAIXONANTE PARA A IGREJA

O encontro com os novos evangelizadores esteve no centro da reflexão proposta pelo Papa, no domingo 16 de Outubro, aos fiéis reunidos na Praça de São Pedro para o habitual encontro da recitação do Angelus.

Queridos irmãos e irmãs!

Ontem e hoje teve lugar no Vaticano um importante encontro sobre o tema da nova evangelização, que se concluiu esta manhã com a Celebração eucarística por mim presidida na Basílica de São Pedro. A iniciativa, organizada pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, tinha a finalidade principal de aprofundar os âmbitos de um renovado anúncio do Evangelho nos países de antiga tradição cristã, e ao mesmo tempo propor algumas experiências e testemunhos significativos. Ao convite responderam numerosas pessoas de todas as partes do mundo, comprometidas nesta missão, que já o beato João Paulo II tinha indicado claramente à Igreja como desafio urgente e apaixonante. Ele, no seguimento do Concílio Vaticano II e daquele que tinha iniciado a sua actuação – Papa Paulo VI – foi de facto tanto um incansável fautor da missão *ad gentes*, isto é, aos povos



e aos territórios onde o Evangelho ainda não lançou raízes, como um mensageiro da nova evangelização. Estes são aspectos da única missão da Igreja, e por isso é significativo considerá-los juntos neste mês de Outubro, caracterizado pela celebração do Dia Missionário Mundial, precisamente no próximo domingo.

Como já há pouco fiz durante a homilia da Missa, aproveito de bom grado esta ocasião para anunciar que decidi proclamar um especial *Ano da Fé*, que terá início a 11 de Outubro de 2012 – 50º. aniversário da abertura do Concílio Vaticano II – e se concluirá a 24 de Novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do universo. Expus as motivações, as finalidades e as linhas directrizes deste «Ano» numa Carta Apostólica que será publicada nos próximos dias. O Servo de Deus Paulo VI proclamou um análogo «Ano da Fé» em 1967, por ocasião do décimo nono centenário do martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, e numa época de grandes revoluções culturais. Considero que, tendo transcorrido meio século desde a abertura do Concílio, ligada à feliz memória do beato Papa João XXIII, é oportuno recordar a beleza e a centralidade da fé, a exigência de a reforçar e aprofun-

dar a nível pessoal e comunitário, e fazê-lo em perspectiva não tanto celebrativa, mas antes missionária, precisamente na óptica da missão *ad gentes* e da nova evangelização.

Queridos amigos, na Liturgia deste domingo lê-se o que São Paulo escreveu aos Tessalonicenses: «O nosso Evangelho não se difundiu entre vós só através da Palavra, mas também com o poder do Espírito Santo e com profunda convicção». Estas palavras do Apóstolo das nações sirva de auspício e de programa aos missionários de hoje – sacerdotes, religiosos e leigos – comprometidos no anúncio de Cristo a quem não O conhece, ou a quantos O reduziram a simples personagem histórico. A Virgem Maria ajude cada cristão a ser testemunha válida do Evangelho. ☪

Benedictus PP XVI



NÃO HÁ FUTURO SEM SOLIDARIEDADE

Uma reflexão teológico-moral a partir da experiência da Diocese de Milão

INTRODUÇÃO

Natal, a realização do “sonho de Deus”: solidário em tudo com a humanidade

Tudo começou com um sonho. O Natal de 2008 estava próximo e eu ia reflectindo sobre a grave crise económica e financeira que desde há meses tinha atingido o globo. Os encontros com expoentes do mundo da economia e da finança mas, sobretudo, com os pobres que encontrava, sempre em maior número, nas paróquias, e com os agentes da caridade, levaram a colocar-me *diante do Mistério do Natal de um modo completamente novo*.

E o sonho começou a tomar forma em mim. O Natal apresentava-se-me, primeiro que tudo, como a *realização do “sonho de Deus” para a humanidade*. Um sonho grande e belo que começava a concretizar-se antes da Criação, depois na Aliança com Israel e com a humanidade: uma aliança sempre oferecida de novo e sempre renovada diante das recusas mais obstinadas. Mas agora no Natal – pensa-

va – Deus realiza o mais extraordinário dos seus sonhos: *tornar-se como nós e fazer-se homem por nós* para fazer de todos nós uma coisa só, um só povo. Um desígnio grandioso de fraternidade, de unidade e de paz que Ele mesmo teria realizado até ao fim, a qualquer preço; porque o Amor não conhece fronteiras nem medidas. E tudo isto, fazendo-se *pequeno como uma criança*, porque o Amor nos torna pequenos, humildes, simples e disponíveis para sermos levados ao colo... porque, de um Deus assim, qualquer um se pode aproximar: com confiança, sem medo.

A partir deste insuperável “sonho”, que alguns dias depois havíamos de celebrar na solenidade do Natal, ia tomando forma em mim um outro sonho que, creio, foi mesmo inspirado pelo Senhor. Pensando na pobreza que caracteriza o nascimento de Jesus e na das muitas pessoas, sempre mais numerosas, que estavam a perder o seu posto de trabalho por causa da crise, fiz-me várias vezes a pergunta: diante desta enorme e penetrante crise, *que posso eu fazer?*

E nós, como Igreja de Milão, que podemos fazer?

Senti que era necessário ter um gesto de verdadeira solidariedade, *de partilha efectiva* que, partindo da ajuda concreta *a alguns*, pudesse tornar-se motivo de reflexão e de conversão para todos.

Na homilia da Noite Santa *propos a instituição do “Fundo Família Trabalho”*, não só como *gesto concreto* de ajuda aos núcleos familiares em situação de necessidade pela crise, mas ainda mais como *senal*, como *impulso para compreender* que, face a situações como estas, é preciso *repensar radicalmente as próprias escolhas de vida*. Procurei fazer perceber que não é possível, numa sociedade avançada como a nossa, não compreender o valor da colaboração, da escuta recíproca, da partilha; que ter uma casa e um trabalho digno não é um privilégio, mas um direito; que não é aceitável o enriquecimento desmesurado de poucos, indiferentes à indigência de muitos!

Assim, entre as atitudes opostas, as falsamente reconfortantes de um lado e as indiferentes ou inertes do outro, escolhi o caminho que me pareceu mais coerente com o “sonho de Deus”: o de *uma acção* que fosse, ao mesmo tempo, não só uma *palavra* a comunicar, mas também (e sobretudo) *a incarnar* na vida. Não é o Natal

a celebração do “*fazer-se carne*”, do “*fazer-se história*” de Deus para que a história humana possa ser iluminada, transformada, recarregada de esperança?

Iniciou-se deste modo, quer para mim, quer para a Igreja de Milão, uma nova etapa de caminho: *uma pequena história de solidariedade* que gostava de vos contar brevemente, retomando convosco os seus passos mais relevantes.

CONCLUSÃO

O futuro está nas mãos de uma humanidade solidária

Com um rápido olhar retrospectivo para o caminho percorrido, parece-me que a “questão social” contemporânea se joga afinal entre dois pólos, contrapostos entre si e ambos fugazes: a miríade de circunstâncias locais (de miséria, de subdesenvolvimento, etc.), que exigem respostas de solidariedade, e a vastidão dos problemas de um mundo, desde há décadas em vias de *globalização*, mas ainda longe de saber *globalizar a justiça, a paz, os direitos humanos, o desenvolvimento...*

Perguntei-me então: o que liga, o que une o *local* e o *global*, estes dois extremos, dos quais parte todo o vosso *Encontro de Pastoral Social* que estão a celebrar aqui em Fátima, intitulado exactamen-

te “*Desenvolvimento local, caridade global*”?

A primeira resposta que surge em mim vem-me da carta de uma jovem, chamada Valentina, que me escreveu há tempos e cujo texto vem reproduzido no livro *Não há futuro sem solidariedade* que inspirou este momento. Tocou-me muito, por um lado, a sua lucidez ao observar e ao descrever as muitas contradições que permeiam este nosso mundo, as tensões e os riscos a que está exposto um jovem na sociedade actual e, por outro lado, a grande confiança no amanhã, alimentada por uma disponibilidade franca para se empenhar, comprometendo-se na primeira pessoa. Cá está, disse comigo mesmo: entre *local* e *global*, entre a *singularidade* (do bairro, do ambiente de trabalho, da situação em que vivo) e a *universalidade* (dos problemas do mundo que se espelham neste fragmento de realidade que vejo) está... cada um de nós, que une em si mesmo o infinitamente pequeno e o infinitamente grande da sociedade.

Se, cada um de nós, com os temores e os limites de que se apercebe, mas também com o impulso do coração, o desejo de mudar a face desta nossa terra, de a habitar de uma maneira nova, com respeito, com paz, com humanidade... E a *solidariedade*, que activa em nós tudo isto, atravessa o coração de

cada um de nós, enche-nos de coragem, faz-nos sentir que já não somos uma espécie de herói solitário, persuade-nos de que, se não há futuro sem solidariedade, com a solidariedade vivida, praticada em cada dia, pode nascer alguma coisa de novo. E se essa ‘alguma coisa’ é partilhada, da chamazinha faz-se incêndio. Incêndio de paz, de novidade, de esperança. De *esperança*: o que talvez mais falte no mundo de hoje, para olhar com olhos novos um futuro de solidariedade.

Temos diante de nós ocasiões muito concretas para nos exercitarmos na solidariedade vivida. A primeira corresponde ao VII *Encontro Mundial das Famílias* que ocorrerá em Milão de 30 de Maio a 3 de Junho de 2012, com o título: “A *família: o trabalho e a festa*”. Trata-se, primeiro que tudo, de um *encontro*, de uma ocasião única de escuta, de diálogo, de confronto *entre* e *com* famílias provenientes um pouco de todas as partes do mundo, sobre três temas fundamentais para a vida quotidiana: *amar, trabalhar, repousar* estão na base não só da vida de cada pessoa e de cada família, mas também da própria vida social. São ocasiões extraordinárias, relacionadas com o que antes disse, para nos avaliarmos sobre a solidariedade vivida, praticada, testemunhada. Interroguemo-nos, então: há ainda solidariedade di-

fusa nas famílias e entre as famílias, no mundo do trabalho, no viver o tempo de repouso, da gratuidade e da festa, ou prevalecem também aqui modelos individualistas, consumistas, hedonistas? E a sociedade dá-se conta ainda da família, não só quando a reconhece pelos muitos serviços que oferece, mas quando sabe desenvolver políticas de apoio adequadas? E as famílias? Dão-se conta ainda umas das outras, ou tendem a ignorar-se, uma vez satisfeitas pelo equilíbrio conseguido dentro delas mesmas? Creio que estas e outras perguntas, que podemos fazer circular desde já entre nós, podem ajudar-nos a sentirmo-nos interpelados pelo *Encontro*, que nos quer protagonistas, seja onde for que estejamos, no acolhimento como nos debates e nos projectos, e sobretudo na escuta da palavra que o Santo Padre nos dirigirá.

Penso ainda nas exigências da *União Europeia* e da Europa em geral. O recente e gravíssimo massacre na Noruega, apoiado em parte na tese de cariz xenófobo e racista, exige uma resposta sempre mais convicta e generalizada; é preciso uma *solidariedade sem fronteiras*. Como recordava na homilia da Missa celebrada em Gdansk em Outubro de 2009, por ocasião das *Jornadas Sociais Ca-*

tólicas para a Europa, “uma tarefa grandiosa está hoje diante de nós, os 27 países da União Europeia e os seus 500 milhões de cidadãos. Devemos retomar e prosseguir o caminho para uma Europa solidária, no seu interior e em favor de um mundo solidário: uma Europa capaz de sonhar, de projectar e de construir uma solidariedade sempre mais ampla e capilar, como uma via-rápida de liberdade e de paz”.

E, na convicção de que ao profetismo das palavras deve corresponder o *profetismo dos factos*, e com referência à Declaração de Robert Schuman, de 9 de Maio de 1950, que falava de “*solidariedade de facto*”, concluía dizendo que “a solidariedade, assim entendida, é o melhor cuidado que se pode ter em relação à crise económico-financeira que a Europa e o mundo estão a sofrer, é o antídoto para toda a crise futura”.

Não há, realmente, futuro, nem pessoal nem social, nem mundial nem europeu, se não acompanhado, orientado, apoiado pela solidariedade. ☺

† Dionigi card. Tettamanzi

XXVII Encontro da Pastoral Social

Fátima, 14 de Setembro de 2011

COMEMORAÇÃO DA FUNDAÇÃO DA SSVV EM PORTUGAL CASA OZANAM – SÃO JOÃO DE VER *30 de Outubro de 2011*

Celebramos hoje os 152 anos da Fundação da SSVV em Portugal. Deixem-me fazer agora um breve apontamento histórico.

As Conferências nasceram em Paris, no ano de 1833, pela mão de Frederico Ozanam e outros companheiros, sendo elaborada a primeira Regra em 1834.

Rapidamente se difundiram pela Europa e resto do mundo, estando hoje em mais de 150 países.

Uma curiosidade é que os fundadores, passado um ano, sentiram a

necessidade de existirem regras, que fossem comuns a todas as Conferências, para se sentirem unidas e que a sua actividade tivesse a mesma orientação.

Em 1859, as Conferências chegam a Portugal, pela mão do Padre Sena de Freitas, Padre Miel, conde de Aljezur e outros. Fundaram a primeira Conferência em Lisboa, sendo a segunda criada no Funchal, a terceira em Braga, a quarta no Porto e a primeira feminina no Porto, continuando a difundir-se rapidamente em todo o País.



Nestes 152 anos já atravessámos várias épocas de dificuldades e as Conferências tiveram sempre um papel importante junto dos mais desfavorecidos, dos marginalizados e dos excluídos socialmente. Com o evoluir dos tempos foram surgindo novas formas de pobreza e as Conferências souberam sempre adaptar-se e encará-las com a força que recebemos do Cristo Redentor, do Cristo evangelizador dos pobres e do Cristo que caminhou e trabalhou como nós.

Hoje estamos numa época de enormes dificuldades e o tempo que se avizinha vai avolumá-las. Os maiores sacrifícios são pedidos aos mais fracos, criando cada vez mais desemprego e maiores desigualdades.

Não consigo compreender que se possa dizer que temos que empobrecer para sair da crise em que nos encontramos. Mas quem é que vai ficar mais pobre? Os poderosos ou a classe média? Com certeza que não serão os mais poderosos.

Os Vicentinos não deixaram de estar atentos às novas formas de pobreza que irão surgir e com os ensinamentos do nosso fundador, Frederico Ozanam, estaremos junto de todos

os que precisarem de uma palavra amiga, de uma mão que os acaricie e do pão de cada dia.

Não deixaremos de estar atentos às injustiças e denunciá-las.

Frederico Ozanam quando confrontado com alguns dos seus colegas de que a sua acção não passa de teorias, disse aos seus companheiros “vamos aos Pobres” e foram, passaram a ter como principal lema a visita domiciliária e nessas visitas difundir a fé pelas obras.

Hoje cada vez é mais necessário ir aos pobres e ter uma acção activa e não reactiva. Temos que ter consciência que não vai haver desemprego para os vicentinos, mas pleno emprego e com algumas horas extras, mas nós já estamos habituados a que seja assim.

O vicentino é comprometido, é humilde, é alegre, tem espírito de pobreza, revela Cristo e dá um testemunho de fé.

Com este espírito, vamos continuar o nosso trabalho e dar graças a Deus, pela missão que nos confiou. ☪

Presidente do Conselho Superior
de Portugal



HOMENAGEM AO VICENTINO FERNANDO AUGUSTO GONÇALVES REIS, PRESIDENTE HONORÁRIO DA SSVP-P

22 de Outubro de 2011

Esta homenagem realizou-se na Igreja de Santa Beatriz da Silva, em Chelas, Lisboa, com a presença de mais de uma centena de vicentinos.



O acolhimento teve lugar às 10.30 horas, seguido da Eucaristia que foi celebrada pelo Padre Manuel Nóbrega, CM, Conselheiro Espiritual do Conselho Superior da SSVP e concelebrada pelo Padre Álvaro Cunha, Provincial da Congregação da Missão, que se encontravam acompanhados pelo Diácono Luís Aparício, vicentino de longos anos.

Entre a assistência à celebração encontrava-se o Padre Dâmaso Lambers, grande amigo da SSVP.

Na homilia foram enaltecidas as qualidades do homenageado pelos anos



de trabalho dedicados à Sociedade. A Santa Missa foi acompanhada pelo magnífico coro da Paróquia.



Seguiu-se o almoço em que todos confraternizaram com amizade e alegria.

Às 16.00 horas iniciou-se a Sessão Solene, onde vários vicentinos deram testemunho da sua vivência com o Fernando Reis e quanto o seu exemplo os ajudou na sua caminhada de vicentinos e no auxílio aos mais carenciados.

Terminados os testemunhos dos vicentinos, foi-lhe oferecida uma pequena lembrança alusiva à SSVP e encerrou-se a Sessão Solene por volta das 18.00 horas. ☺

LENDA DE SÃO MARTINHO

*Era Outono!
Era uma tarde de Outono!
Mas era Inverno que fazia!
Martinho, soldado romano
Cavalgava...
E o seu dever cumpria!
Rubra capa o protegia,
De tão grande temporal!
Eis que seu olhar vislumbra
Alguém que gemendo... sofria!
Sua alma generosa
Encheu-se de compaixão!
Parou!...
Olhou!...
E, ... ternamente observou!
Martinho ouviu
Com comoção,
Pedidos de auxílio,
De súplica,
Daquele mendigo,
Ali estendido...
No chão, húmido e gélido!
Todo molhado!
Tão mísero!
Tão sofrido!
Martinho,
Sem hesitar,
Em sua espada pegou
E... num repente
Em duas, a sua capa cortou!!!
De sorriso nos lábios,
Nas mãos do pobre deixou
De sua capa a metade
A outra... p'ra si ficou!!!*



*E, eis que se deu o milagre!!!
As nuvens que até aí
Poderosas, no céu reinavam,
Espantadas de tanta bondade...
Se afastaram!
Afastaram-se para o sol ver
Aquele gesto generoso
Daquele nobre soldado.
O sol também gostou...
Também gostou, do que viu
E abrindo seus braços dourados
O rei dos astros sorriu! ☼*

EB1 Samar n.º 3

Se eu morrer antes de você, faça-me um favor...

Se eu morrer antes de você, faça-me um favor. Chore o quanto quiser, mas não brigue com Deus por Ele haver me levado. Se não quiser chorar, não chore. Se não conseguir chorar, não se preocupe. Se tiver vontade de rir, ria. Se alguns amigos contarem algum facto a meu respeito, ouça e acrescente sua versão. Se me elogiarem demais, corrija o exagero. Se me criticarem demais, defenda-me. Se me quiserem fazer um santo, só porque morri, mostre que eu tinha um pouco de santo, mas estava longe de ser o santo que me pintam. Se me quiserem fazer um demónio, mostre que eu talvez tivesse um pouco de demónio, mas que a vida inteira eu tentei ser bom e amigo. Se falarem mais de mim do que de Jesus Cristo, chame a atenção deles. Se sentir saudade e quiser falar comigo, fale com Jesus e eu ouvirei. Espero estar com Ele o suficiente para continuar sendo útil a você, lá onde estiver. E se tiver vontade de escrever alguma coisa sobre mim, diga apenas uma frase: 'Foi meu amigo, acreditou em mim e me quis mais perto de Deus!' Aí, então derrame uma lágrima. Eu não estarei presente para enxugá-



-la, mas não faz mal. Outros amigos farão isso no meu lugar. E, vendo-me bem substituído, irei cuidar de minha nova tarefa no céu. Mas, de vez em quando, dê uma espiadinha na direcção de Deus. Você não me verá, mas eu ficaria muito feliz vendo você olhar para Ele. E, quando chegar a sua vez de ir para o Pai, aí, sem nenhum véu a separar a gente, vamos viver, em Deus, a amizade que aqui nos preparou para Ele. Você acredita nessas coisas ? Sim??? Então ore para que nós dois vivamos como quem sabe que vai morrer um dia, e que morramos como quem soube viver direito. Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente, e se inaugura aqui mesmo o seu começo. Eu não vou estranhar o céu... Sabe porquê? Porque... Ser seu amigo já é um pedaço dele! ➡

BENEFÍCIOS PARA QUEM AJUDA O PRÓXIMO



De vez em quando, os meios de comunicação publicam matérias sobre os benefícios que se têm ao realizar ações de ajuda ao próximo. Quem ajuda as pessoas reduz o risco de morte precoce, vive mais, tem menos doenças, consegue emprego, entre outros ganhos pessoais. Se não vejamos.

Um estudo da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, revela que pessoas empenhadas em ajudar

o próximo, em ações voluntárias, reduzem em 60% o risco de morte precoce. Os investigadores consideraram que a generosidade tem relação com a longevidade. A pesquisa mostra também que os mais egocêntricos têm mais que o dobro de risco de morrer mais cedo.

Existem pesquisas científicas apontando que a atitude de ajudar a quem precisa colabora também com a saúde, como, por exemplo, baixando os níveis de colesterol, reduzindo a hipertensão e aumentando a expectativa de vida.

A palavra mais justa que define o trabalho voluntário é a solidariedade. Além de estar beneficiando quem precisa, ajudar o próximo faz bem ao coração. Vendo os problemas de outras pessoas é possível perceber que os nossos são minúsculos, e que não devemos reclamar e sim agradecer.

A importância de ser voluntário é tão grande que muitas empresas buscam empregar pessoas que possuam, em seus currículos, ações de voluntários e beneficentes. Nos processos seletivos, as empresas preferem pessoas que visam ao bem-estar social, oferecendo mais qualidade de vida para quem precisa, dedicando o tempo livre para contribuir com necessitados.

Atuar em ações sociais ajuda a conquistar melhores empregos. Gestores de recursos humanos de grandes empresas afirmam que um candidato que disponibiliza parte do tempo livre para ajudar outras pessoas pode ser considerado pela empresa como alguém comprometido com uma causa e que se pode esperar dele o mesmo comprometimento no trabalho.

Ajudar o próximo faz bem à saúde do corpo e da alma, trazendo várias “vantagens”. A primeira delas é que nos propicia um sentido para a vida (esse prazeroso esforço de servir ao próximo é uma das mais benditas ferramentas para ajudar a visualizarmos, com clareza, um sentido para a vida). A segunda, é que torna-

-nos mais produtivos em nossa atividade profissional (quando a pessoa que se aproxima do sofrimento do próximo vê seus problemas pessoais numa outra dimensão).

Contudo, pesquisas internacionais apontam os grandes benefícios para a saúde do nosso corpo: ajudar o próximo faz bem ao coração, ao sistema imunológico (aumenta as defesas naturais do organismo), aumenta a expectativa de vida e a vitalidade de maneira geral.

Além de tudo o que vimos, ajudar as pessoas carentes é o cumprimento do dever missionário de todo o católico, e a razão de existir dos membros da Sociedade de São Vicente de Paulo. Somos realmente muito abençoados por sermos vicentinos! 🌊

**Não são os imperadores, nem os reis
que abrirão em definitivo o caminho da
esperança. São multidões de anônimos,
homens e mulheres, jovens e velhos,
que acreditam na igualdade de todos os
seres humanos, para lá do seu sexo, et-
nia ou condição social.**

(Myriam Tonus)

CRISE SOCIAL/VOLUNTARIADO DE PROXIMIDADE



Que estamos em tempos conturbados e preocupantes ninguém duvida nem ignora. Confundem-nos e atormentam-nos as notícias de to-

das as horas sobre a situação do país, os aumentos de impostos, os cortes na saúde, na educação, no apoio social dos mais desfavorecidos, a ausência, aparentemente, de um projecto que assegure o progresso e a justiça social. Ultimamente, foi apresentado pelo Ministro da Solidariedade e da Segurança Social o “Programa de Emergência Social” (PES), que tem feito correr muita tinta. A polémica está instalada.

Há quem diga que é deveras positiva a promulgação do documento. Mas também parece unânime a opinião de que a filosofia que o enforma é limitada e até ultrapassada e que padece de muitas lacunas. Parece-nos também que este programa de acção não esquece as instituições que já trabalham no terreno e todos os agentes, voluntários incluídos.

No entanto, nem sempre o Estado e a sociedade têm sido capazes de dar a verdadeira atenção e apoio a quem se vem dedicando, com espírito de humildade, discrição e acompanhamento fraterno e gratuito, nesta acção social de proximidade.

A este propósito achamos por bem partilhar, pelo seu carácter formativo, alguns excertos de um artigo do Correio do Vouga da autoria do Dr. Acácio Catarino, Sociólogo e Consultor Social: “Vêm sendo cometidos erros gravíssimos

na área social, antes e depois de 1974. (...)”

Dir-se-á que nesta situação social gravíssima, se continuam a cometer os mesmos erros gravíssimos do passado. O primeiro consiste no **menosprezo da entreajuda e do voluntariado social de proximidade:** entreajuda de familiares, vizinhos, amigos...; e grupos de voluntariado constituídos a partir das relações de proximidade. (...)

O Estado e a sociedade abandonam tais situações e, cinicamente, ainda humilham a entreajuda e o voluntariado com os qualificativos de informais, tecnicamente inferiores, obsoletos...; praticam, neste menosprezo, uma verdadeira acção de extermínio inconsciente.

É de notar que, no séc. XIX, Frederico Ozanam (já beatificado) recuperou e valorizou a entreajuda e o voluntariado de proximidade, através das Conferências vicentinas; mais tarde surgiram os grupos caritas e iniciativas semelhantes. No entanto, a presunção político-intelectual dominante rejeitou esse esforço, apodou-o de “assistencialismo” ou “caridadezinha” e de falta de empenho na promoção social, na consagração de direitos e no desenvolvimento. Se as Conferências vicentinas e os grupos caritas dão por vezes tal imagem, isso acontece não porque actuem como se imagina, mas sim porque assumem, e são transferidas para eles, responsabilidades muito superiores aos meios de que dispõem.” ☵

In “Mais Luz”
Conferência de Santa Eulália – Águeda

ENCONTRO DA FAMÍLIA VICENTINA EM LISBOA

5 DE OUTUBRO DE 2011

O Encontro anual dos vários ramos da Família Vicentina foi este ano realizado por Dioceses.

Em Lisboa fomos recebidos pelas Filhas da Caridade, ao Campo Grande.

Eram 10.00 horas da manhã e já a cripta da Capela acolhia muitos vicentinos. Com meia hora de tolerância iniciavam-se os nossos trabalhos, agora com um salão muito mais composto.

Tudo esteve bem organizado de modo a proporcionar um belo dia de interiorização, participação, amizade e festa.

À chamada lá se foram levantando com entusiasmo, um por um, os vários ramos desta nossa grande Família a que nos orgulhamos de pertencer.

Neste Encontro tiveram papel preponderante os Padres Leitão e Nêlio; o primeiro no domínio da imagem e o segundo no desenvolvimento do tema “As Pobrezas no Mundo de Hoje”.


Também são de salientar as Irmãs Berta e Conceição Andrade, na colocação do verdadeiro sentido deste nosso Encontro.

O Programa, no seu desenrolar, era

anunciado com espírito por Arlete Vieira, das Colaboradoras da Missão e por Ricardo Ferreira, da Juventude Mariana. Gostaria de salientar a partilha fabulosa com que Quim Zé nos brindou. Trabalha em Peniche com ciganos e drogados, de uma forma criativa. Só por si considero o seu testemunho razão suficiente na validade deste Encontro.

O almoço, partilhado, proporcionou alegria e foi oportunidade para melhor nos conhecermos. Da parte da tarde o Programa aligeirou, como pedia a situação, e entrámos em sessão recreativa. Aqui a Juventude Mariana esteve plenamente à altura. Ainda houve oportunidade para a Irmã Conceição Andrade fazer a apresentação do livro, em poesia, com o título “Momentos – Pensamentos – Sentimentos”, da autoria de Natividade Patrício, Colaboradora da Missão.

A Eucaristia, solenizada pelo grande e afinado grupo de jovens e interiorizada na Palavra inspirada do Padre Álvaro, Provincial da Congregação da Missão, coroou este dia inesquecível

Para o ano há mais e esperamos que volte a ser em Fátima. 

COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ

Sobre a proposta de Orçamento do Estado para 2012 Reflexões do Grupo de Trabalho «Economia e Sociedade» da Comissão Nacional Justiça e Paz

1. Considerando a importância de que se reveste o Orçamento do Estado para 2012 elaborado pelo Governo e em fase de apreciação na Assembleia da República, o Grupo «Economia e Sociedade» (GES) da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP) torna pública a sua reflexão sobre a orientação estratégica e as medidas propostas pelo Governo, no entendimento de que, se as mesmas vierem a ser aprovadas e implementadas, terão, certamente, consequências muito negativas para o futuro da economia e da sociedade portuguesa nos próximos anos.

2. Movem-nos preocupações éticas e de responsabilidade cívica pela construção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva, mais solidária e onde o ser humano seja o primeiro sujeito de um desenvolvimento sustentável, os mesmos princípios que ditaram as nossas anteriores tomadas de posição, designadamente a propósito do PEC 4.

3. Reconhecemos o alcance dos actuais constrangimentos de ordem financeira e outros com que o Governo se depara na tarefa difícil da elaboração do Orçamento do Estado para 2012, mas entendemos que estes constrangimentos não podem ser eleitos como objectivos *per se* e bem assim que os critérios de avaliação de

desempenho não devem confinar-se à mera redução do défice ou do endividamento público.

4. Em nosso entender, é falsa uma dupla premissa em que assenta a elaboração do OE-2012 segundo a qual as medidas de severa austeridade são necessárias para ganhar a confiança dos mercados financeiros e os efeitos esperados de diminuição do défice e redução da dívida criarão um círculo virtuoso que virá a restabelecer o crescimento económico.

Trata-se de um raciocínio que ignora a complexidade e a opacidade de tais mercados, faz tábua rasa do conhecimento empírico acumulado acerca do impacto negativo das medidas de austeridade sobre a economia, minimiza a importância da conjuntura recessiva europeia e do efeito de contágio da crise noutros países da zona euro.

5. Os argumentos apresentados para uma estratégia de grande austeridade tão pouco são convincentes: tão depressa os compromissos do Memorando da Troika são ditos intocáveis, como são esquecidos para satisfazer interesses de alguns sectores ou caem por serem ostensivamente mal fundamentados. Este discurso errático, hoje como no passado, mina a confiança dos cidadãos e cidadãs nos governantes em geral e na sua capacidade para definir políticas credíveis.

Do mesmo modo, a forma como vão sendo “descobertos” e dados a conhecer sucessivos “buracos” orçamentais leva a descrer da capacidade governamental e das administrações para ter sob efectivo controlo as finanças públicas, como é desejável e imprescindível. Certo é que assim se alimenta a insegurança das pessoas que ficam na expectativa de ondas sucessivas de nova austeridade, sempre dita inevitável, à semelhança do que vem sucedendo em outros contextos.

Seria desejável que fossem encontrados mecanismos suficientemente robustos que, aos vários níveis de decisão, dessem garantia de transparência e prestação de contas permanentes.

6. Preocupa-nos, igualmente, que o OE-2012 pondere de forma muito de-



sequilibrada os vários interesses em presença, favorecendo os dos credores, que são quem dita as regras do jogo, em prejuízo dos interesses legítimos da população portuguesa.

7. Damo-nos conta, também, e com particular cuidado, de que o OE-2012 revela uma chocante insensibilidade social, expressa em múltiplos aspectos com destaque para os seguintes: a drástica redução dos rendimentos disponíveis das famílias, quer pela via dos cortes salariais, quer pelo aumento de impostos directos e indirectos, com consequências dramáticas para um aumento drástico da incidência da pobreza e das desigualdades na repartição do rendimento. Por outro lado, o facto de serem os salários e as pensões dos funcionários públicos o alvo prioritário da austeridade põe em causa princípios de justiça e de estado de direito.

Acresce que estas medidas não ponderam, como se imporia, a sua respectiva incidência em outras variáveis macroeconómicas, nomeadamente o consumo e a procura interna, que tenderão a contrair-se e, por essa via, a diminuir as receitas do Estado e a concorrer para a desaceleração da actividade económica.

O argumento da inevitabilidade de cortes nos rendimentos do trabalho é, ainda, menos convincente quando, por exemplo, se verifica que ficam praticamente intocados os rendimentos de capital, que são, como se sabe, prevalecentes entre os mais ricos

8. Não é difícil descortinar que, por detrás das medidas propostas, está uma opção ideológica pelo chamado “Estado mínimo”, mas há que salientar que esta não foi validada democraticamente, embora configure uma alteração do modelo constitu-

cional em matéria de direitos sociais. A mesma ideologia inspira cortes acentuados em sectores onde a responsabilidade do Estado deveria ser inquestionável, como é o caso da saúde, educação, segurança social, sectores em que a preocupação maior deveria ser garantir o seu funcionamento eficiente.

9. Também nos merecem reparo as alterações propostas em relação ao mercado do trabalho, pois aquelas rompem o contrato social construído nas últimas décadas, fragilizam de forma inaceitável os trabalhadores e potenciam maior conflitualidade social.

Acresce que é mais do que duvidoso que assim se aumente a competitividade das empresas, já que aquela depende, como é sabido, de múltiplos factores.

Mesmo em relação aos sectores exportadores, cabe notar que, em muitas situações, a remuneração do trabalho é apenas uma pequena parcela do custo de produção.

Com alterações tão penalizadoras para o factor trabalho e a previsão de um desemprego crescente, tudo se conjuga para que aumente a emigração por parte sobretudo dos jovens mais qualificados e com isso se acentue o empobrecimento do País.


10. Em suma, nesta proposta do OE-2012, por razões ideológicas e não tanto por razões de inevitabilidade funcional, o Governo parece ter escolhido o caminho da facilidade, o de atacar o elo mais fraco, em vez de aproveitar a crise para afrontar interesses instalados e proceder a um definitivo saneamento das contas públicas e à necessária reforma do Estado. É preocupante, por exemplo, que não se assista, ainda, a uma renegociação

urgente das Parcerias Público-Privadas (PPP), cujo impacto futuro nas contas públicas se anuncia como muito gravoso e insustentável.

Também não se vislumbra qualquer intenção de promover uma renegociação da dívida, de modo a expurgá-la da respectiva componente especulativa e reavaliá-la no quadro das reconhecidas disfuncionalidades da zona euro. Acreditamos que esta via deve ser equacionada como caminho para ultrapassar o actual estrangulamento financeiro que obstaculiza o desejável desenvolvimento económico e social do nosso País.

Concluindo: Lembramos que o Orçamento do Estado não é uma peça técnica, com uma lógica contabilística de deve e haver. Trata-se de um instrumento de orientação e de estratégia política que exprime, promove, efectiva (quer pelas medidas que contém quer pelas que omite ou rejeita) uma ideia do papel a desempenhar pelo Estado, tendo em vista uma dada concepção de vida em sociedade, nas suas dimensões política, cultural, social e económica.

Ao partilhar as suas reflexões no espaço da comunicação social, o GES não tem outra pretensão que não seja a de contribuir para uma maior participação cívica na busca de melhores soluções para causas comuns.

No momento presente, trata-se de enfrentar os desafios de uma crise que, assumindo uma natureza reconhecidamente sistémica, exige que todos nos empenhemos em viabilizar um modelo de economia e de sociedade que dê prioridade às pessoas e ao bem comum. 

Novembro 2011

Grupo Economia e Sociedade da Comissão Nacional Justiça e Paz

“DOS SANTOS AO SANTO ANDRÉ, INVERNO É”

O mês de Novembro fornece interessantes elementos etnográficos e folclóricos. Alguns vou aproveitar, colhidos na minha zona serrana: Fajão.

Religiosamente, começa o mês em dia de Todos-os-Santos e acaba no dia de Santo André. Ambas estas festas tinham antigamente jejum na véspera.

(...) Embora ainda seja Outono, o povo lá diz no seu calendário: “Dos Santos ao Santo André / Inverno é; Do Santo André ao Natal / é Inverno natural”.

É tempo de castanhas, de vinho novo, da matança do porco. No dia de Todos-os-Santos é quase obrigatório assar um magusto. Os castanheiros abundavam na freguesia de Fajão, possivelmente nativos ou plantados há séculos por iniciativa do Mosteiro de S. Pedro de Folques, senhor da terra. Depois veio uma doença que os dizimou e, ultimamente, extinta a doença, são os incêndios a acabar com o resto.

Quando os ouriços começam a abrir e a castanha a cair, o Prior diz na igreja, à estação da missa: “De hoje em diante ficam coutados os castanheiros”. Quer dizer que não pode entrar gado nos soitos, e cada um vai colhendo as suas castanhas. Porém, as castanhas que caírem em terreno do vizinho pertencem a este e não ao dono dos castanheiros, ao contrário do que acontece com a azeitona.

Que, em boa verdade, “a castanha

vai com quem n’a apanha”, e antes de caírem todas aparecem os rebuscadores, que também têm direito ao seu quinhão.

A 11 de Novembro festeja-se o S. Martinho, que por sorte rima com vinho. Daí, “Pelo S. Martinho / Prova o teu vinho”. “Mas deixa-o ficar bem tapadinho” (porque ainda não está na devida conta).

“Pelo Santo André / Agarra o porco pelo pé”. Muito pobre seria a casa que não engordasse ao menos um porco em cada ano. Optimista era aquele que dizia: “Há três anos que estou casado, / E nunca sem porco fiquei, / Senão este ano e no ano passado / E no ano que me casei” ...

Diz o ditado: “Se te vires torto, / Chega-te a boi ou a porco”. Até porque “Ave de bico / Nunca fez o dono rico”.

Quando uma pessoa está um tanto desanimada, sem acção, diz-se: “Homem, você parece que nem tem porco morto nem para matar!”.

A matança do porco é uma festa. Vem o sangrador, vêm os vizinhos para ajudar, e depois as mulheres não têm mãos a medir para dar destino a todas as peças e miudezas do animal. Mas ao menos ficam a saber, salvo seja, como a gente é cá por dentro. “Se queres ver o teu corpo, / Mata o teu porco”. ☺

*In “Calhau Rolado”
Revista “Mensageiro
de Santo António” (1966)*

DIA NACIONAL DA SSVV

Diocese do Porto (Casa Ozanam),
30 de Outubro de 2011

Cerca de 250 Vicentinos encheram o auditório da Casa Ozanam, para celebrarem o 152º. Aniversário da fundação da 1ª. Conferência Vicentina em Portugal, no dia 30 de Outubro de 2011, concentrando as celebrações na Diocese do Porto, organizadas pelo Conselho Central do Porto, conforme havia decidido o Plenário Nacional.

Os trabalhos iniciaram-se pelas 10.00 horas, sob a presidência do vicentino António Saraiva, Presidente do Conselho Superior da SSVV e com a exposição de um trabalho

da autoria do Professor Américo Mendes, Vicentino e Professor da Universidade Católica, acerca da “Sustentabilidade e Acção Vicentina”, através do qual o autor situou a actual problemática social, à luz das questões económicas, ao nível geral, informando os Vicentinos das razões do aumento da pobreza, relevando a importância da acção vicentina para acudir e minimizar todas as situações emergentes e a emergir. Tema que foi abordado no recente Encontro de Pastoral Social, realizado em Fátima, em Setembro passado.



Seguiu-se a Eucaristia presidida pelo Senhor Bispo do Porto, D. Manuel Clemente, que durante a mesma, evocando a Bênção de Deus para o trabalho vicentino, disse que não há caridade sem os Vicentinos. D. Manuel Clemente abordou a temática da Caridade, à luz dos textos litúrgicos do dia.

Teve lugar o almoço convívio, igualmente presidido pelo Senhor Bispo do Porto, a que se associaram outras autoridades locais e em que participaram todos os Vicentinos presentes.

Participaram nesta Festa Celebrativa, além do Senhor Bispo do Porto e do Presidente do Conselho Superior da SSVP, muitos Vicentinos do Porto, que vieram de diferentes zonas da Diocese, desde o Marão ao Atlântico, e os Conselhos Centrais de Viana do Castelo e do Funchal e o Vice-Presidente da Câmara de Santa

Maria da Feira, Presidente da Junta de Freguesia de S. João de Ver, além do arquitecto, construtor, Comissão de Acompanhamento e outros técnicos envolvidos na construção da 2ª. fase da Casa Ozanam. O Pároco de S. João de Ver que não pôde estar presente, justificou a sua falta.

A jornada terminou com a visita guiada às obras do Lar Frederico Ozanam, cuja inauguração se prevê para breve, durante a qual foi abordada a questão da Igreja da Casa Ozanam, a edificar junto ao edifício do lar e cuja construção será lançada no momento da inauguração do lar, através de uma subscrição nacional.

Foi uma jornada festiva, de festa para enaltecer e relevar a vida. A vida que temos e a vida que queremos partilhar e viver na SSVP, engrandecendo-a e engrandecendo todos com quem nos relacionamos. ☺



Conselho Central de Aveiro

Banco de Bens Partilhados

Esta é a primeira notícia sobre a assinatura de um protocolo de cooperação, livre e de comum acordo, celebrado entre a **Conferência Vicentina de Águeda** e o **Rotary Club de Águeda**, em Julho passado.

Trata-se de um projecto que visa a angariação, recolha, conservação e distribuição de bens não perecíveis e em bom estado, que irão beneficiar famílias/pessoas carenciadas de todo o Conselho de Águeda. A pertinência da entrega dos bens depende de prévia análise pelos outorgantes da situação socio económica da família/pessoa requerente.

Como sabemos, a Conferência, em Águeda, tem vindo a assumir desde há longos anos este serviço, aparentemente simples, mas trabalhoso e exigente, de recolha, transporte e distribuição destes bens, nomeadamente mobiliário em geral, electrodomésticos e outros equipamentos,

além de roupas, calçado, material escolar, equipamento informático, brinquedos e outros bens. Mas com dificuldades e carências de meios humanos e materiais, para além dos encargos financeiros de quem o executa.

Por isso, numa perspectiva de maior amplitude e de apoio mais pronto e eficaz a quem não pode ter acesso aos bens doutra maneira, e em espírito de inter-ajuda e parceria entre instituições da nossa terra, a Conferência acolheu de braços abertos esta interessante proposta de cooperação. Confiamos que, assim, possamos desenvolver uma acção mais alargada e profícua.

Este “Banco de Bens Partilhados” continuará a funcionar em duas salas do edifício dos Armazéns Municipais, cedidas à Conferência, já no início do ano, pela Câmara Municipal de Águeda. ➡

Caminhos de promoção

O empenho na promoção, na consagração de direitos e no desenvolvimento daqueles que vamos acompanhando, não é apenas retórica na acção de voluntariado de proximidade

dos vicentinos. É um projecto sempre presente, embora discreto, uma preocupação perante tantas fragilidades e limitações de pessoas e famílias mais ou menos marginalizadas.

Dois testemunhos:

É um homem feito ainda relativamente novo.

Vive só, numa habitação muito precária. Desempregado desde há alguns meses. No entanto, “agarra-se a qualquer trabalho”, dizem. É considerado habilitado para alguns deles. De temperamento reservado, com dificuldades de socialização, tem vivido de biscates. Porque não consegue arranjar emprego nem subsídio de desemprego. Falta-lhe a documentação básica de cidadão português. As suas fragilidades e o seu isolamento social dificultaram-lhe o acesso aos serviços públicos convenientes. Até que o vicentino com quem “se abriu” foi em seu auxílio. Tendo nascido em país estrangeiro, foi acompanhado ao consulado respectivo, no Porto. Aí encontraram as orientações necessárias a partir do documento de registo de nascimento. Só assim poderá obter o simples B.I.. Brevemente irá voltar ao consulado, novamente acompanhado, dadas as circunstâncias. E, assim, passará a ser um cidadão português de pleno

direito, com possibilidade legal, assim o esperamos, de conseguir um trabalho digno. Outra preocupação se seguirá: apoiar nas obras básicas de reparação e higienização da casa, a começar por um, ainda que rudimentar, quarto de banho.

Outro caso refere-se a um jovem, de família problemática, com grave lesão congénita que lhe dificulta a mais elementar auto-estima. Conseguiu-se consulta especializada nos HUC, o acompanhamento médico regular e acolhedor, no sentido de uma provável intervenção. Já este mês voltou à consulta, acompanhado pela vicentina que o tem vindo a animar. E é assim, numa acção próxima, em trabalho de parceria com as instituições adequadas, que se vai conseguindo algum progresso em situações de exclusão. Porque, de contrário, escapam à normalidade, ficam à margem, objecto de censura e recriminação de quem, mesmo por perto, os ignora. 🐟

*In “Mais Luz
Conferência de Santa Eulália –
Águeda*

**O que vale na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada. Caminhando e semeando,
no fim terás o que colher**

(Cora Coralina)

Conselho Central de Braga

Conselho de Zona de Vila Nova de Famalicão ASSEMBLEIA GERAL

No passado dia 22 de Outubro decorreu no salão de festas da freguesia de Requião mais uma assembleia geral do Conselho de Zona de Vila Nova de Famalicão.



Esta actividade teve início pelas 15:30 horas com a animação preparada pela Conferência Vicentina de Requião. Seguidamente deu-se início à assembleia, tendo o senhor Arcipreste de Famalicão, padre Mário Martins, rezado as orações da Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo. Em seguida foi lido um texto intitulado “a felicidade passa por filosofia de vida”.

Benício Cardoso, Secretário do Conselho de Zona orientou os trabalhos, tendo de seguida passado a palavra às várias individualidades presentes. José Oliveira, Presidente da Conferência local saudou e deu as boas-vindas a toda a assembleia; usaram também da palavra Manuel Alves, Presidente do Conselho de

Zona, Padre Mesquita, Conselheiro Espiritual deste mesmo Conselho, Padre Manuel Magalhães, pároco de Requião, Ademar Carvalho em representação da Câmara Municipal, e Américo Pinto, Presidente emérito do Conselho de Zona de Vila Nova de Famalicão.

Após a verificação de presenças das Conferências Vicentinas (180 vicentinos) ouve lugar a um pequeno intervalo de 30 minutos. Retomando seguidamente os trabalhos foi o momento de chamar o orador convidado Alfredo Carriço, que desenvolveu o tema “A perfeita alegria”, o qual entusiasmou toda a assembleia com o seu testemunho e a sua vivência. Pelas 19.00 horas foi celebrada a Eucaristia pelo pároco de Requião, padre Manuel Magalhães, o qual abordou a importância e o papel que os vicentinos têm na sociedade, não só dando apoio aos que precisam de pão mas também àqueles que têm falta de amor. Este movimento cresceu com a promessa de 25 novos vicentinos das várias freguesias do Concelho. O grupo juvenil de Requião enriqueceu ainda mais a Eucaristia com os seus cânticos. No final da Eucaristia o padre Magalhães agradeceu a todos os que participaram nesta iniciativa, pois estes encontros são sempre gratificantes. ☺

José Oliveira

CONFERÊNCIA DE S. MARTINHO

20 Anos ao serviço do próximo

A Conferência de S. Martinho, agregada ao Conselho de Zona do Vale do Pelhe, Vila Nova de Famalicão, comemorou no passado dia 6 de Novembro o seu 20º. aniversário.

As celebrações iniciaram-se com a Eucaristia às 8.00 horas, onde 6 novos vicentinos proclamaram o seu compromisso numa cerimónia simples mas carregada de simbologia, e durante a qual foram ainda recordados os saudosos Padres, José Correia fundador e grande dinamizador da nossa Conferência, o Padre Rêgo, o Padre Álvaro Campos, nossos conterrâneos e grandes amigos que sempre estiveram conosco, e as 5 Vicentinas que também já partiram para o Pai.

Depois da reunião ordinária da Conferência na sua sede no salão paroquial, que teve o seu início pelas 9.30 horas, onde foram abordados todos os assuntos relacionados com a vida vicentina na nossa comunidade Paroquial, seguimos em romagem muito sentida para os cemitérios de S. Martinho e de S. Cosme onde homenageámos com um ramo de flores e com as nossas orações os nossos queridos amigos acima referidos.

Seguiu-se no salão paroquial o saboroso almoço convívio para 50 vicentinos e familiares, carinhosamente confeccionado e servido pelas nossas vicentinas, (cujas despesas foi custeada por todos os participantes), ao que se seguiu uma tarde de genuíno e salutar convívio desta família, onde não faltaram, as brincadeiras, as anedotas, uma peça de teatro.

Estava reservado para o fecho um delicioso lanche que cada um se incumbiu de trazer de casa, e o indispensável bolo de aniversário perante o qual cantámos os parabéns à Conferência e a uma das novas vicentinas que, por feliz coincidência, neste dia estava também de parabéns.

É este espírito de família que ao longo destes 20 anos temos procurado sempre cultivar no grupo, o segredo para o sucesso da nossa acção junto daqueles que esperam a nossa ajuda.

Importa referir que a pujança e a dinâmica da nossa Conferência, está fortemente alicerçada no carinho, na amizade e na colaboração genuína que o saudoso Padre José Correia, Conselheiro Espiritual nos primeiros 10 anos da nossa existência, sempre dispensou ao grupo, e do Padre Machado nosso Conselheiro Espiritual nos últimos 10, que tem sido também de uma dedicação sem limite à nossa Conferência, pelo que queremos manifestar-lhe aqui, publicamente, a nossa sincera gratidão. ☺

António Augusto Aguiar
Presidente



Conselho Central de Coimbra

DIA VICENTINO DIOCESANO

“Muitos Os Chamados, Mas Poucos Os Escolhidos”

Advertia O Evangelho Desse Domingo

O Senhor escolheu a Teresa Martins para ser o Seu rosto vivo entre nós. À vista dela, o sentido da nossa passagem pela Terra torna-se expressivo: dar-se inteiramente, consumir-se até à exaustão, sempre com a sobriedade de um pobre e a riqueza de um sorriso, dispensando com delicadeza uma palavra de estímulo, pronta para a alegria como uma criança grande e para a ternura como uma irmã - assim é a Teresa. Era a ela, em boa verdade, que caberia escrever sobre este Dia Vicentino na Diocese de Coimbra. Sempre o fez enquanto pôde. Humildemente, pego no seu exemplo, que me ajuda, e aqui me encontro a fazer eco dessa efeméride:

No passado dia 9 de Outubro, o Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo, que abraça toda a Diocese de Coimbra, esteve reunido para celebrar o Dia Vicentino Diocesano, neste mês da nossa fundação em Portugal, há 152 anos.

A Assembleia festiva teve lugar este ano, pela primeira vez, no Complexo da Igreja de N.^a Sr.^a de Lurdes, onde de resto está sediada uma Conferência Vicentina.

Programado o início para as 10.20 horas, cerca das 10.00 horas da manhã já se viam grupos a circular, outros a chegar a pé, de carro, de camioneta. Convergiram da quase totalidade das

Conferências da cidade de Coimbra e da periferia, nomeadamente, de Figueiró dos Vinhos, Pombal, Figueira da Foz, Arganil, Cantanhede, Lousã, Serpins e Vila Nova de Poiares.

Não me lembro de ver, em reuniões anteriores, tantos irmãos juntos. É certo que o Senhor Bispo, D. Virgílio Antunes, novo na Diocese, anunciou a sua presença, presidindo à Eucaristia Dominical, o que atraiu, por certo, mais gente. Por outro lado, a Igreja de N.^a Sr.^a de Lurdes, espaçosa e recém-inaugurada, também chamou quem nunca até ali tinha convergido e experimentado o ambiente acolhedor proporcionado pelo Pároco, Pe. Carlos Delgado, e pela Conferência anfitriã, que agora, com a ajuda de Deus e o empenho da quase totalidade de neovicentinas, ganha novo vigor.

Durante a Celebração Litúrgica, fizeram o seu Compromisso e receberam o emblema vicentino 17 novos membros, num explícito sinal de vitalidade que é muito gratificante e prometedora.

Finda a celebração religiosa, teve lugar



o almoço, desta vez, e por sugestão do nosso dinâmico Presidente, Luís Subtil, feito todo com boas vontades. Isto quer dizer que não se encomendou a um restaurante, o que sairia mais caro; mas por isso mesmo obrigou a uma logística improvisada, beneficiando de um amplíssimo salão de que dispõe o complexo. O mais fantástico é que parecia um “catering” profissional, tal a qualidade da refeição e a sóbria elegância das mesas: flores sobre toalhas imaculadas, louça e talheres impecáveis, vidros lustrosos, tudo emprestado e a funcionar sem atrasos.

Qualidade, pontualidade, simpatia de voluntários a servir e, no final das contas feitas, com café e tudo, ainda sobrou algum pecúlio para as necessidades vicentinas que são, afinal, as necessidades daqueles por quem repartimos bens e atenção.

Ainda à mesa houve um momento de homenagem à vicentina Maria Fernanda Almeida Santos, pelos 50 anos de dedicação exemplar à SSVP. Acautelada pelo Presidente, Luís Subtil, foi solicitada a S. S. Bento XVI uma bênção apostólica dirigida à Maria Fernanda, expressa num belo pergaminho emoldurado, que lhe foi entregue pelo Senhor Bispo, D. Virgílio, e que a deixou sem palavras! O nosso Prelado fez então uma breve visita pelas novas instalações daquele espaço polivalente, acompanhado pelo seu Secretário e pelo Pároco Pe. Carlos Delgado, retirando-se em seguida.

Para a sessão da tarde reunimos na antiga Igreja, agora salão de conferências, e tivemos a honra de ver na presidência da Mesa, o representante máximo da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. João Paulo Barbosa de Melo, o Presidente do Conselho Superior de Portugal, António Correia Saraiva, o Con-

selheiro Espiritual do Conselho Superior de Portugal, Pe. Manuel Nóbrega, o Presidente do Conselho Central de Coimbra, Luís Subtil, e a mais antiga vicentina, Maria Fernanda Almeida Santos. A querida Teresa Martins foi sentidamente lembrada. Só a vontade de Deus nos ajuda a conformar com a ausência desta vicentina sempre tão próxima de todos.

A tarde decorreu conforme o programa anunciado: uma palestra formativa a cargo do Rev. Pe. Manuel Nóbrega, que se debruçou sobre o carisma e a estrutura da SSVP, e exposições de vários membros da Mesa de que destaco as informações de maior interesse para a vida do C. C. de Coimbra, a cargo do vicentino Luís Subtil, bem como as carinhosas e fraternas palavras que nos dirigiu o vicentino Correia Saraiva.

Finalmente, fomos convidados a voltar aos bancos da nova Igreja, onde teve lugar o “Concerto do Ambão”, um harmonioso louvor conduzido pelo Pe. João Paulo Vaz e executado pelo próprio, um irmão e dois amigos. O grupo vocal e instrumental, encantou pela qualidade, inovação e, não é de menos dizê-lo, pelo sinal de Fé em quatro jovens do nosso tempo que encontraram na expressão musical uma linguagem mais abrangente do que, tantas vezes, a palavra!

Antes de cada um voltar a suas casas, deu-se o “milagre” da multiplicação do almoço, isto é, a mesa foi posta de novo, comeu-se e recolheram-se as sobras, que foram distribuídas pela obra das “Criaditas dos Pobres” e pelos necessitados assistidos pela Conferência anfitriã.

Um dia pleno de reflexão, partilha e alegria, bem à feição do espírito vicentino que nos anima. ☺

Beatriz Basto da Silva

Conselho Central da Guarda

MAIS UMA CONFERÊNCIA DA SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO DA COVILHÃ NO SEU CENTENÁRIO

A Covilhã, desde longos anos, mostrou ser solidária e com uma forte dedicação aos mais necessitados, já do tempo da monarquia, e, depois, no regime republicano vigente.

A Sociedade de S. Vicente de Paulo, no seu objectivo de “testemunhar a fé em obras, através de uma acção pessoal veiculada pela visita, em espírito de Justiça e Caridade” foi fundada em Paris, no ano de 1833, por um grupo de sete jovens universitários, entre os quais Frederico Ozanam, sendo patrono S. Vicente de Paulo.

Esta Sociedade, de enorme mérito solidário, encontra-se disseminada pelo globo, em cerca de 150 países e, em Portugal, desde 1859.

Na Covilhã, já quatro destas Conferências atingiram o centenário. A primeira foi a de Santa Maria, fundada em 12/11/1899; seguiu-se a da Conceição, fundada em 19/03/1903; depois a de S. Pedro, fundada em 29/06/1905; e, por último, a de S. Martinho, que no corrente ano está a celebrar o seu centenário, fundada em 22/05/1911.

Existem mais Conferências vicentinas na Covilhã, e noutras freguesias do Concelho, e não só, que agrupam um designado Conselho de Zona, do Arciprestado da Covilhã.

Já é sobejamente conhecida a acção humanitária destas Conferências, com um meritório trabalho dos seus obreiros – os vicentinos – que, somando muitas horas de voluntariado, aí desenvolvem a sua acção na assistência à doença, problemas familiares e sociais, carências económicas, solidão dos idosos, desamparo das crianças, álcool e droga,

marginalidade e desajustamento social, apoio a busca de colocações no trabalho, pagamento de rendas, água, luz, gás, material escolar, medicamentos, géneros alimentícios, peças de roupa, e material diverso, num vasto leque da sua presença de solidariedade humana.

A Conferência de S. Vicente de Paulo da Paróquia de S. Martinho da Covilhã, no âmbito das comemorações do seu centenário, reuniu vários elementos de outras Conferências do Conselho de Zona onde se insere, no passado domingo, dia 16 de Outubro, numa Eucaristia de acção de graças, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, celebrada pelo assistente espiritual, Padre Agostinho Rafael, que, na sua homilia, referenciou a actividade das Conferências, mormente nos dias difíceis que se atravessam, lembrando também quantos já partiram e que deram o seu melhor em prol dos necessitados.

Seguiu-se um almoço de confraternização. Neste evento esteve presente o Presidente do Conselho Superior de Portugal, que há muitos anos se encontra radicado na Covilhã, e o Presidente do Conselho de Zona.

Memorizaram-se tempos e figuras antigas, no âmbito da longa actividade vicentina.

Neste formulário de votos de parabéns à Conferência centenária, certamente que também irá o sentir de muitas famílias que aguardam pela sua acção benéfica na ajuda humanitária e que, mais não seja, uma palavra amiga de alento para os dias ainda mais difíceis que se aproximam. ➡

João de Jesus Nunes

Conselho Central de Setúbal

Conferência de São Tiago – Sesimbra



Após a criação de uma Conferência Vicentina, de São Tiago, em Sesimbra, no dia 24 de Julho de 2011, apraz-nos registar, agora, uma possível criação de uma Conferência Vicentina, em Casal do Marco, pelo que no passado dia 01 do corrente, realizou-se na Igreja Paroquial do Casal do Marco, Paróquia de Nossa Senhora da Paz, uma reunião preparatória, para a criação da referida Conferência.

Este encontro foi orientado pelo Rev^o. Padre Manuel Nóbrega, da Congregação da Missão e Conselheiro Espiritual do Conselho Superior de Portugal da Sociedade de São Vicente de Paulo e com as presenças do Rev^o. Pároco, Padre Daniel Antó-

nio Lopes Pio Cacela, do Presidente do Conselho de Zona de Almada, Duarte Peres e do Presidente do Conselho Central de Setúbal, José Manuel Costa Valério.

Em seguida à oração inicial, o Rev^o. Padre Manuel Nóbrega, destacou as figuras de São Vicente de Paulo e do Beato Frederico Ozanam, cujos exemplos de vida, são muito importantes para o desenvolvimento da Sociedade de São Vicente de Paulo, e no que diz respeito à Vocação Vicentina-Coração da Unidade da Sociedade de São Vicente de Paulo. “Uma Vocação, um apelo, o serviço directo aos Pobres, verifica-se que há uma infinidade de matizes e de diversidades para exprimir esta vocação: traduzi-la concretamente em actos, medi-la, adaptá-la ao mundo variado e mutável, é toda a vida do Vicentino, toda a vida da Sociedade de São Vicente de Paulo.

Nesta reunião, também esteve presente um bom número de Paroquianos de Casal do Marco que, por intercessão de São Vicente de Paulo e do Beato Ozanam, reza para, em breve, se concretizar a criação de uma Conferência Vicentina nesta Paróquia. 🌊

Conselho Central de Viseu

ASSEMBLEIA VICENTINA DIOCESANA

Na tarde do dia 16 de Outubro de 2011 teve lugar a Assembleia vicentina anual, no salão do Centro Cáritas de Santa Maria, na cidade de Viseu.

Estiveram presentes cerca de 70 vicentinos representativos das diversas Conferências desta diocese.

Após o acolhimento, os presentes participaram na Eucaristia presidida pelo novo assistente espiritual, Pe Manuel Henriques da Silva. Na sua homilia recomendou que os vicentinos vissem nos pobres a figura de Cristo.

Terminada a Eucaristia, constituiu-se a mesa e iniciaram-se os trabalhos da assembleia com a oração da Regra. O presidente do Conselho Central apresentou o Padre Dr. Ricardo Cardoso, coordenador do Secretariado Diocesano da Pastoral Social que fora por nós convidado para dirigir algumas palavras aos vicentinos, no âmbito do Sínodo Diocesano que estamos a viver nesta diocese.

O sínodo diocesano pretende celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II, em 2015, fazendo uma caminhada sinodal pelos principais documentos conciliares. Neste 2º ano de sínodo, o ano pastoral inicia o estudo e reflexão da Dei Verbum e a partir da Quaresma de 2012 a Gaudium et Spes.

Esta (a Gaudium et Spes) como a grande constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo e entendida como a magna carta da pastoral social, vai ser objecto de estudo aprofundado pelos vicentinos

nas Conferências. Para este efeito, o presidente do Conselho Central apresentou aos presentes um caderno com o resumo deste documento conciliar, com notas para reflexão e partilha, da autoria do Pe Ricardo Cardoso, ali presente. Estes cadernos foram distribuídos pelos vicentinos presentes.

Do mesmo caderno fazem parte, diversos textos de espiritualidade e da acção vicentina, também para reflexão e partilha, convidando as Conferências presentes a reflectirem estas matérias nas suas Conferências, a darem respostas aos questionários, para serem partilhados num dia de retiro a organizar na quaresma de 2012.

O Sr. Padre Ricardo Cardoso, dirigiu-se a seguir aos vicentinos, demonstrando grande afabilidade e consideração pelas suas pessoas e pelo seu trabalho, disse das razões profundas da ideia de renovação que se pretende com o Sínodo Diocesano e acrescentou diversas notas pessoais para o empenhamento de todos.

Seguiu-se um período de diálogo com a assembleia em que alguns dos presentes colocaram questões e deram testemunho do seu apostolado.

O Sr. Padre Manuel Silva, com a simplicidade que o caracteriza deu-nos as palavras finais de incentivo ao nosso trabalho.

O encontro terminou com um lanche convívio que serviu para confraternizar, trocar impressões e alinhar planos de acção nas diversas paróquias. 